

Minas, em 20 de Fevereiro de 1913.—Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Museu Etnologico Portuguez.—O Director Geral interino, *José Maria Cordeiro de Sousa*».

\*

Perdida a esperança de receber verba especial para a compra do mosaico, fiz o possível com o actual dono d'êle para ver se eu o obtinha por quantia menor, que pudesse sair da modesta dotação do Museu; contudo, nada consegui, porque o dono achou pouco o que ofereci. Eis uma cópia da carta que lhe escrevi em 25 de Julho de 1904:

«Não me é possível dar pelo mosaico tanto dinheiro (isto é, 240,5000 réis), aumentado ainda do que é necessário para a extracção (isto é, 300,5000 réis). Os mosaicos não são raros. No Museu tenho já estendido um muito maior que o seu, e, ainda encaixotado, outro que tem muitos metros quadrados, além de numerosos quadros com mosaicos pequenos que representam animais, etc. E tenho facilidade de extrair mosaicos que estão à minha disposição em: Mértola (dois), ao pé de Santarem, em Braga, e em Alcobaça (dois), etc. De modo que, se eu desejava adquirir o de Oeiras, era só por entender que não devia inutilizar-se mais uma antigualha romana, nem sair do país, embora, como digo, não seja rara. Dou pelo mosaico de Oeiras 60,5000 réis, e não posso dar mais. Caso não lhe convenha, rogo o favor de me informar, para eu aplicar a outra cousa a quantia que destinava a esta».

Segundo me consta, o mosaico permanece ainda *in loco*.

J. L. DE V.

### Epigraphia bragançana

No sítio chamado S. Pedro, local duma antiga igreja, de que nada resta, limite de Babe, e um kilómetro a sudeste da povoação, concelho de Bragança, encontrou Miguel Bernardo de Sousa, no acto de lavar a terra, um sarcófago de aspecto arcaico. Sabedor do achado pela immediata comunicação que dêle me fez o ilustrado Reitor de Babe, Francisco Manuel Pires, fui examiná-lo em Setembro transacto.

Trata-se de um grosso cilindro de granito de 1<sup>m</sup>,95 de altura e pouco menos de circunferência, chanfrado a todo o comprimento, para lhe escavarem uma sepultura de forma trapezoídea, segundo a configuração do corpo humano, a parte circular mais estreita para a

cabeça. Felizmente, no lado oposto a esta escavação, ficou a seguinte inscrição:

IM · CAES · DIVI · SEVERI . . .  
 LI . . . DIVI · MARCIANTNEP  
 . . . DIVI ANT · PII PRONEPOTD . . .  
 . . . ADRIANI ABNEPOT DIVI  
 5. TRAIANI PARTHICI DIVI NERV . . .  
 ABNEPOTI · M · AVRELIO AN . . .  
 . . . FELICE · AVG · PART · MAX ·  
 . . . MAX · CER · MAX · PONTI  
 . . . TRI · P · XVII · IMP · III · COS  
 10. . . . P · P · PROCOS · M · P · X . . .

Corpo das letras em media 0<sup>m</sup>,09, excepto na última linha os da palavra PROCOS e seguintes, que são maiores. As reticências indicam espaços em que as letras foram destruídas pelos que afeioaram o monumento a sepultura.

Na 5.<sup>a</sup> linha a palavra PARTHICI está assim escrita por extenso e falta logo em seguido o ET que nos títulos de Caracala se liga ao DIVI NERVAE.

Na 6.<sup>a</sup> linha, está bem claro ABNEPOTI em vez de ADNEPOTI.

Na 8.<sup>a</sup> linha, lê-se CER em vez de GER.

Na penúltima e última linha COS e PROCOS estão assim mesmo, e logo adiante desta última passa a indicar a distância em passos sem fazer referência ao ponto de partida. Como esta palavra e seguintes, segundo já disse, é de maior formato de letras que as mais do letreiro, lembrei-me, dada a falta do nome da cidade àquém da qual se contavam os passos, de algum retoque, mas, por mais que examinei não achei vestígios de tal, e como está não há campo para lho intercalar por pequeno que fôsse; parece-me antes mais provável que nunca se escrevesse.

Do atento exame que fiz na lápide em 21 de Setembro de 1915, e segunda vez em 7 de Fevereiro de 1916, fiquei sciente de que a cópia da inscrição atrás exarada é fiel, se bem que as partes supridas por reticências possam, em melhores condições de local e de luz, que agora deixam muito a desejar, apresentar mais algumas letras. De resto, pelo texto de títulos similares é fácil saber-se as palavras que faltam, como (FI)LI(I) na primeira linha; (BRITANICO) na oitava; (MAXIMO) na nona. Falta também a indicação dos anos do consulado, mas o ano XVII do poder tribunicio de Marco Aurélio António Pio e a sua tríplice saudação imperial tiveram lugar no ano quarto do seu

consulado; é pois nesta conformidade que o apontamos, e como todos estes factos coincidiram no ano cristão de 214 fica entendido que neste ano é que o cipo foi consagrado.

O todo da legenda diz: Ao *im*(perador) *Cés*(ar) *M*(arco) *Aurélio* *A*(ntonino Pio Feliz) *Aug*(usto), *máx*(imo vencedor dos *párt*(icos), *máx*(imo vencedor dos britânicos), *máx*(imo vencedor dos *ger*(mânicos), *ponti*(fice) *máx*(imo), *xvii* (vezes do) *p*(oder) *tri*(bunício), *iii* (vezes) *imp*(erador), *côn*(sul *iii* vezes) *p*(ai) da *p*(átria); *filho do divi*(no) *Severo*, *neto do divi*(no) *Marco Ant*(onino), *bisneto do divi*(no) *Ant*(onino) *Pio*, *terceiro neto do divi*(no) *Hadr*(iano), *quarto neto do divi*(no) *Trajan*(o Pártico e do divi)(no) *Nerva*. *Daqui a* (Braga?) *x . . . mil passos*.

Temos pois mais outro miliário da estrada militar romana que passava pelo distrito de Bragança, entre as duas chancelarias de Braga e Astorga. Tudo nele inculca decadência: as letras, pôsto que nítidas e claras, não tem o elegante traçado dos artísticos tempos de Augusto, nem as palavras guardam distância proporcionada, aparecendo separadas as que devem estar unidas e vice-versa, e a fonética dá-nos *cós*(ul), *procós*(ul) e *cer*(mânico) em vez de *cônsul*, *procônsul* e *germânico*.

O figurante da legenda — Marco Aurélio Antonino Pio Feliz — ou, melhor, Septimo Bassiano, como era seu verdadeiro nome, arbitrariamente mudado pelo tarimbeiro seu pai desde que se viu imperador, para dar tom genealógico à família, ou simplesmente Caracala, como lhe chamavam por nomeada e ficou na história, é um verdadeiro monstro sanguinário. Assassinou infamemente seu irmão Geta nos próprios braços da mãe; matou cobardemente seu sogro Plautino; tentou fazer o mesmo a seu próprio pai e ascende a algumas centenas de milhares o número dos que fez matar por capricho, pelo simples prazer de ver correr sangue. Corrompeu todos os liames da pública administração, apressando assim a decadência das instituições e, cobarde como todos os homens cruéis, mas atacado da monomania do triunfo, compra-o aos inimigos para se intitular vencedor. E no emtanto intitula-se na legenda por *pio*, por *pai da patria*, por *máximo vencedor dos párticos, dos britânicos, dos germânicos!* No auge do estonteamento perde a noção da seriedade, a consciência da própria personalidade; e éle que era filho de um militar brutal, embora valente, quasi sem genealogia, só porque o pai o crismou de Marco Aurélio, de quem não era parente nem aderente, entra a dar-se como neto, bisneto, terceiro e quarto neto dos ascendentes deste imperador! Decadência moral; inconsciência histórica.

De maneira que, da estrada militar romana de Braga a Astorga, temos os seguintes miliários que nos permitem assinalar-lhe, sem lacunas, a trajectória no terreno pertencente ao distrito de Bragança:

1.º O de Constancio Cloro, encontrado em Lamalonga<sup>1</sup>.

2.º O de Vinhais<sup>2</sup>.

3.º O de Soeira<sup>3</sup>.

4.º O de Maximiano, encontrado em Formil<sup>4</sup>.

5.º O de Augusto, encontrado perto do Castro de Avelãs<sup>5</sup>.

6.º O de Caro, encontrado em Gimonde<sup>6</sup>.

7.º O de Adriano, encontrado em Babe<sup>7</sup>.

8.º O de Caracala, encontrado perto de Babe, de que tratamos neste artigo.

9.º Mais dois encontrados adiante de Babe, mas já em termo espanhol, que brevemente sairão n-*O Archeologo Português* juntamente com o de Soeira, atrás apontado, num trabalho que fizemos sobre os *Estudos Archeologicos* do major Celestino Beça.

\*

Havemos dito da lapidé como miliário, resta-nos considerá-la como monumento funerário. Já dissemos que o miliário foi escavado em forma trapezoidea, segundo a configuração do corpo humano e parte circular mais estreita para a cabeça. Sepulturas desta natureza escavadas em rocha firme ou em monólitos móveis são frequentes, e no distrito de Bragança lembra-nos de os haver visto do primeiro género, isto é, escavadas em rocha firme, junto às igrejas paroquiais de: Mogadouro; Lavandeira, concelho de Carrazeda de Anciães; Malta, concelho de Macedo de Cavaleiros; Sendim da Serra, na capela de Jerusalém, concelho de Alfândega da Fé; Mairós, concelho de Chaves; e do segundo junto às igrejas: da extinta vila de Anciães; S. Julião, concelho de Bragança; S. Fins da Castanheda e Mairós, ambas no

<sup>1</sup> *O Arch. Port.*, XII, 163.

<sup>2</sup> Francisco Manuel Alves, *Memorias Archeologico-Historicas do Districto de Bragança*, t. I, p. 356.

<sup>3</sup> Deve ser publicado brevemente n-*O Archeologo Português*.

<sup>4</sup> *O Arch. Port.*, VI, 148.

<sup>5</sup> José Henriques Pinheiro, *Estudo da estrada militar romana de Braga a Astorga*, pp. 4, 91, 104.

<sup>6</sup> *O Arch. Port.*, V, 136.

<sup>7</sup> *O Arch. Port.*, IV, 342.

concelho de Chaves. É de notar que o 5.º e 7.º miliários atrás apontados também foram posteriormente aplicados a sarcófagos.

Esta de que vamos tratando, aberta no miliário de Caracala, estava enterrada três a quatro metros distante do local da antiga igreja de S. Pedro, por forma a deixar a cabeça do defunto voltada para o poente e os pés ao nascente; tinha na base da escavação um sulco a todo o comprimento, terminado em orifício, que atravessava a pedra de um lado a outro para dar esquite às fezes do cadáver em decomposição, e era coberta por uma grande tampa de granito, lavrada, de forma abaúlada, que a tapava herméticamente. As circunstâncias de achado inculcam que repousava ainda no primitivo local que lhe deram ao fazer a inumação. O homem que a desenterrou viu ainda nela alguns restos de ossos, que se desfizeram apenas lhe tocou.

Quando se fez a inumação? Certamente que não durante o domínio romano nem logo depois, porque só quando se perdeu de todo a noção dos miliários, o que levaria largos anos, dada a feição tradicionalista desta gente, é que o facto se podia levar a cabo; de resto, as perturbações dos Suevos, Alanos e Vândalos e depois as dos mouros não permitiam luxo de tam faustoso moimento.

Por outro lado, o canon XVIII do concílio de Braga, celebrado na era de 598, diz:

«Item placuit, ut corpora defunctorum nullo modo in basilica sanctorum sepeliantur: sed si necesse est, deforis, circa murum basilicae usque adeo non abhorret»<sup>1</sup>. E ainda no século XIII se não faziam os enterramentos nas igrejas<sup>2</sup>, mas sim nos adros a elas contíguos, se bem que já então este costume era algumas vezes alterado em favor das pessoas de distinção e pouco depois se aboliu de todo. Metam pois os entendidos nesta especialidade em linha de conta os considerando retro, o estado de pulverização dos ossos do cadáver, o resguardo em que estavam de elementos de decomposição que sobre eles pudessem actuar e digam-nos se será temerária a conjectura de levar a inumação ao século nono.

\*

Seja como fôr, aí fica a notícia do valioso achado arqueológico que acabamos de tornar conhecido. A quem competir pedimos atenção

<sup>1</sup> Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 679.

<sup>2</sup> Viterbo, *Elucidário*, s. v. «chegar».

para o monumento, incontestavelmente de muito valor, e que agora, numa rua pública de Babe, exposto à corrosão do tempo, aos pontapés e incisões dos transeúntes, em quanto seu dono não faz d'ele uma masseira para dar de comer aos porcos, se vai esfarelado pouco a pouco, visto o Museu de Bragança nada perceber destas cousas e nenhum interêsse por elas mostrar.

Baçal, Fevereiro de 1916.

P.<sup>E</sup> FRANCISCO MANUEL ALVES.

### Asa de sítula

(Com um desenho de Saavedra Machado)

Não é novo o aparecimento de uma *asa de sítula* nas páginas de *O Archeologo Português*. No vol. v pode ver-se uma do Algarve, a p. 281; vol. xv, segunda, de Cárquere, a p. 326; no vol. xix, terceira, da Rôliça, no concelho de Óbidos, a p. 88<sup>1</sup>.

Esta, que apresento, foi adquirida em Extremoz, e, conforme a noticia que dela pôde obter-se, provêm de uns campos da freguesia de S. Domingos, vizinha da vila, onde apparecem, à mercê do arado, telhas de rebordo<sup>2</sup>.

A asa, de bronze, compõe-se, como se dá geralmente, de duas partes: a figura, e o anel de suspensão.

A figura é a mais perfeita da série destas asas que estão disseminadas nas collecções do Museu Etnológico Português. É de desenho correcto, e o trabalho de cinzel perfeito. Bem conservada, tem uma pátina de belo tom áureo.

A cara forte, um tipo de Bárbaro de grande bigode, está orlada de barba espessa, larga, de estilo encalamistrado em feixes radiantes. Vai da orelha direita, no extremo do raio correspondente, subir ao parietal esquerdo, mas mantém simetria com o ponto inicial da curvatura, no extremo do raio que corresponde à orelha esquerda. Desta guisa, a curva externa da barba tem a forma quasi regular de uma semiellipse. A linha interna enquadra bem o rosto.

<sup>1</sup> Pierre Paris, *Essai sur l'art*, II, 238; Marquardt, *La vie privée des Romains*, II, p. 309, *O Arch. Port.*, v, 281, noticia do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

<sup>2</sup> Informou-me o Sr. Dr. Osório de Castro que um homem da aldeia dos Cortiços (Extremoz) chamava às *tegulae*, de que via fragmentos, muito expressivamente *telhas de debrum*.